

SERES LENTOS E COLLAGES DO ACOLHIMENTO

A metáfora do encontro como prática democrática¹

SLOW BEINGS AND COLLAGES WELCOME
The metaphor of the encounter as a democratic practice

Taís Beltrame dos Santos² e Eduardo, Rocha³

Resumo

Colar é coligar. Colocar junto diferentes, neste trabalho, múltiplos agentes que compõem a vida nas cidades. Visando experimentar a collage como metáfora do encontro, apresentam-se os seres lentos - aqueles que doam seu tempo à receber o outro - o hóspede - errante, em um movimento intrínseco de hospitalidade. Tendo a cidade como cenário, a metáfora do encontro como prática democrática foi realizada como experiência pedagógica com graduandos de arquitetura e urbanismo e estudantes do quinto ano de uma escola municipal em Pelotas entre os anos de 2021 e 2023. A partir do exercício lúdico, que enunciou diferentes percepções sobre as formas do acolhimento e outras esferas subjetivas que compõem a experiência na cidade, percebemos a collage enquanto processo de desvendamento de medos, desejos e anseios de si e do outro. Compreendeu-se também a potência pedagógica e cartográfica da prática, que pode ser desdobrada para diferentes públicos, visando o planejamento democrático e social dos espaços da cidade.

Palavras-chave: collage, acolhimento, cartografia social, cidade contemporânea, pedagogia crítica.

Abstract

Paste is to collate. Putting together different, in this work, multiple agents that make up life in cities. Aiming to experience collage as a metaphor for the encounter, slow beings are presented - those who donate their time to receive the other - the guest - wandering, in an intrinsic movement of hospitality. With the city as a backdrop, the metaphor of the meeting as a democratic practice was carried out as a pedagogical experience with architecture and urbanism undergraduates and fifth-year students at a municipal school in Pelotas between 2021 and 2023. Enunciated different perceptions

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa escrita é decorrência de questões que encontro durante a pesquisa de mestrado em Arquitetura e Urbanismo, na qual escrevo a dissertação: 'SERES LENTOS E VIDA URBANA: Caminhografia pelas de Montevideo, Porto Alegre e Pelotas', e se alongam como campo de exploração para além dele, que convergem ao que venho pesquisando enquanto doutoranda e graduanda em artes visuais - licenciatura. Um pequeno resumo desse texto foi apresentado na Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana Portuguese-language Network of Urban Morphology / PNUM), no ano de 2022 no eixo "FORMAS URBANAS E EDUCAÇÃO: vertentes, práticas e aplicações".

² Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pelo PROPARG/UFGRS. Graduanda em Artes Visuais pelo CEART/UFPEL. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PROGRAU/UFPEL. Arquitecta e Urbanista pela FAUrb/UFPEL.

³ Professor Associado FAUrb/UFPEL. Doutor em Arquitetura e Urbanismo pelo PROPARG/UFGRS. Mestre em Educação pela FAE/UFPEL. Especialista em Patrimônio Cultural pelo CEART/UFPEL. Arquitecto e Urbanista pelo CAU/UCPEL.

about the forms of reception and other subjective spheres that make up the experience in the city, we perceive collage as a process of unveiling fears, desires and anxieties of oneself and the other. The pedagogical and cartographic power of the practice was also understood, which can be deployed to different audiences, aiming at the democratic and social planning of the city's spaces.

Keywords: collage, greeting, social cartography, contemporary city, critical pedagogy.

A Collage, a espera e a errância

Colar é coligar. Colocar junto e estabelecer encontros. Criar relações que alteram o sentido das partes, evidenciando provocações e estabelecendo significados a partir da diferença. Colar é um ato de rebeldia em um mundo despedaçado. É um movimento de juntar os heterogêneos e produzir pensamento a partir e através da imagem, permitindo que a própria imagem comunique o que ela também produz, em que a encontra, recorta e cola. No ensino, a colagem é a potência de pensar e apresentar desejos, angústias, medos e sonhos de si e do outro.

O trabalho visa explicitar a collage do acolhimento como metáfora de encontro, ao compartilhar experiências pedagógicas realizadas em oficinas para graduandos em arquitetura e urbanismo nos anos 2021 e 2023, e estudantes do ensino fundamental (quinto ano) de uma escola municipal na cidade de Pelotas, no ano de 2022. Propõem-se um exercício lúdico a partir da apresentação de diferentes agentes e situações da cidade, conjugando o encontro dos diversos atores que moldam a experiência acolhedora na cidade e as formas do acolhimento.

A ideia do acolhimento suscitada por Derrida (2003), predispõe atores que geram sensações relativas. Supõe por um lado o hospedeiro, aquele responsável por receber e gerar a hospitalidade - e espera; e por outro lado o hóspede, o estrangeiro que precisa ser recebido - o errante. O hospedeiro e o hóspede, ou ainda a espera e a errância são intrínsecas, uma a outra.. Só existe espera com errância, e vice versa.

De outra parte, seríamos remetidos a esta implacável lei da hospitalidade: o hospedeiro que recebe aquele que acolhe o hóspede, convidado ou recebido, o hospedeiro, que se acredita proprietário do lugar, é na verdade um hóspede recebido em sua própria casa. Ele recebe e a hospitalidade que ele oferece na sua própria casa, ele a recebe de sua própria casa – que no fundo não lhe pertence. O hóspede casa, o sem si da casa não se apresenta com um sentido, mas apenas como representação. O hospedeiro como host é um guest. A habitação se abre a ela mesma, a sua 'essência' sem essência, como 'terra de asilo'. (DERRIDA, 2004, p. 58)

O acolhimento é assim, um jogo de encontro, onde as ações de receber e ser recebido modificam o espaço e a própria relação. Nesse sentido, "a hospitalidade coloca o tema do espaço não no espaço, mas no indivíduo, como se ele próprio portasse a hospitalidade, o próprio espaço" (FUÃO, 2014, p.175). O que propõe a especulação de que a arquitetura e a própria cidade não portam por si à hospitalidade, mas que essa é gerada por aqueles que se relacionam nesse espaço.

Se a crise do acolhimento no espaço não está no espaço, mas sim no próprio encontro com a alteridade, a collage se torna um dispositivo de articulação entre os medos, desejos e demandas daqueles que usam a cidade. Entende-se a collage como

uma metáfora do encontro como prática democrática da cidade por vir⁴, onde o uso e pensamento de espaço (e projeto) são colocados em relação oportunizando o enfrentamento do pensamento e ação sobre esses espaços - que pode ser múltiplo. Quando utilizada como ferramenta em sala de aula, a collage como metáfora do encontro contribui para o ensino crítico que se expande para além do planejamento de arquitetura e urbanismo, insinuando possibilidades que adentram à formação dos sujeitos e sua atuação enquanto agentes emancipados (FREIRE, 2004).

Os resultados, outras formas de pensarmos o acolhimento na cidade, ressaltam a importância de considerarmos: as relações de *hostipitalidade* conforme apresentado por Derrida (2003) onde o hospedeiro se torna refém do hóspede e vice versa e de pronto se passa da hospitalidade para a hostilidade; e os acontecimentos menores – que impactam na experiência urbana no desenho e planejamento de nossas cidades. Também estabelecemos rastros para a educação e pistas para o planejamento que considerem o pensamento de públicos de diversas idades, interesses e vivências, articulando-se como uma metodologia para cartografia em sociedade. Compreende-se que a cidade e a cidadania devem ser parte da educação básica, assim como a ponte possibilitada pela educação básica pode auxiliar no pensamento e gestão dos espaços da cidade.

O acolhimento e os seres lentos

Compreendemos o acolhimento como uma afetividade in-condicional, fundadora da cidade. No sentido de hospitalidade: “A hospitalidade é o lugar que faz repensar a arquitetura, a casa, o abrigo. O lugar que dá lugar ao lugar. O sentido sem lugar que dá sentido ao lugar” (FUÃO, 2014). Uma relação ética que pressupõe abrir portas (e janelas) ou fechá-las, e que se emancipa no entre. O acolhimento que supõe um hospedeiro – responsável por gerar a hospitalidade, e um hóspede – que o arrebatou e chega sem avisar. Sem que ninguém espere. Uma relação que pode ser chamada de hostipitalidade, porque mistura o afago e o refugio, em uma comunhão intrínseca.

A hostipitalidade pode significar muitas coisas, mas sobretudo no campo da arquitetura e urbanismo, pode dizer sobre a coexistência sensível, do acolhimento da diferença. No sentido, in-condicional:

Essa hospitalidade também pode ser compreendida como a inclusão do outro dentro da prática disciplinar do projeto arquitetônico nas faculdades, incluindo esse ‘diferente’, essa ‘diferença’ poderá fazer surgir novos programas de projeto até então inéditos dentro da academia, como por exemplo a ocupações baixios de viadutos para fins sociais. Especificamente, também descobrindo as formas em que o acolhimento se apresenta na arquitetura, assim como as morfologias do acolhimento na cidade. O discurso de Derrida revela novos horizontes para a educação onde se recoloca a dimensão ética como sentido. O estudo da arquitetura como objeto autônomo tem se mostrado frágil, insustentável, porque o que funda a arquitetura não é a pedra, a fundação, mas o fundamento humano que deve estar em sua interioridade (FUÃO, SOLIS, p.26).

4 Estabelecemos, derridianamente, uma distinção entre futuro e por vir: o futuro é ou reprodução do presente em temporalidade próxima ou longínqua ou, então, sua evolução. O por vir, no entanto, nos traz a ideia de algo que está por acontecer, desconhecido, no entanto, dado como im-possibilidade inicialmente, mas ponto de partida para a transformação, a recriação, o repensar ou reformular. Isto se torna possível somente com um deslocamento imprevisível com relação à situação inicial (FUÃO, SOLIS, 2018, p.23).



São os seres lentos os seres do acolhimento que abrem suas portas e janelas em paredes que nem suas são. São os esperrantes⁵ por natureza, lentos, que param em um locus público, onde abrem seu receptáculo⁶, esperando que um errante o arrebathe. Hospedeiros, que recebem o outro no quase nada. Sua generosidade é seu tempo, alentado, uma duração dimensionada, que não corre em ônibus, celulares ou outras tecnologias velozes. Sua hostipitalidade está em sua singeleza, em sua doação do tempo de si para o outro, sob forma de acompanhamento, conversa, parada. Ações de abertura - acolhimento - do outro que acompanham sua urgência de sobrevivência.

Sua lentidão se contrapõe aos tempos velozes responsáveis pela reprodução de uma identidade verticalizada e padrão que enseja uma experiência de estética global⁷ e capitalizante. São seres do tempo lento. Homogeneizados e inquietos, responsáveis pela prática menorizada, plural e acolhedora no centro das capitais e nas ruas das cidades pequenas. Desaceleram à velocidade exacerbada porque não se encaixam, não condizem, não cabem ou não convêm a ela. Assim, estão no esquecimento, nas zonas opacas onde o encontro e a alteridade são possíveis⁸, criando gambiarras e aproveitando os restos da sociedade veloz (figuras 1 e 2). Pertencem à esfera para-formal⁹, daquilo que não sabemos como ordenar, compreender ou reproduzir e por

5 O esperrante é aquele que espera que o errante o arrebathe, é de certa forma também um hospedeiro. Está aberto ao acolhimento do diferente nessa espera. Já a errância é visceral, é indomável. É ela que bate na porta, causa tropeço e muda a direção. O errante é indômito. Embora ele também espere, ele chega sem avisar e precisa ser acolhido. “É aquele que normalmente está só de passagem, em trânsito. Que pode partir a qualquer momento, mas também é propenso a permanecer definitivamente (FUÃO, 2014)”.

6 As cartografias que encadeiam o uso da cidade pelos seres lentos aos aspectos morfológicos da cidade não serão abordadas nesse artigo, mas podem ser encontradas na dissertação de mestrado de SANTOS (2021), no capítulo ‘Coleções e Invenções’.

7 A estética global é uma sustentação de generalização dos desejos e necessidades, que pode, teoricamente, ser alcançada, de qualquer lugar, desde que se tenha as condições necessárias (SANTOS, 1997).

8 A alteridade como o que margeia dois territórios existenciais (GUATTARI, 1992). Entende-se por território um modo de ser ou um modo de expressividade. É o que marca a distância entre dois seres da mesma espécie, sendo a distância não uma medida, mas um ritmo” (DELEUZE; GUATTARI, 1997). “Territorializar é um movimento do Ritornelo. O ritornelo tem os três aspectos, e os torna simultâneos ou os mistura: ora, ora, ora. Ora o caos é um imenso buraco negro e nos esforçamos para fixar nele um ponto frágil como centro. Ora organizamos em torno do ponto uma pose (mais do que uma forma) calma e estável: o buraco negro deveio em um em-casa. Ora enxertamos uma escapada nessa pose, para fora do buraco negro. [...] O papel do ritornelo é territorial, é um agenciamento territorial – de um território existencial (uma forma de existir e produzir subjetividade)”. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia vol.4. São Paulo: editora 34, 1997.

9 O para-formal se apropria de categorias alternativas para explorar o campo do meio, as zonas intersticiais da cidade ordinária. Para-formal, é algo relativo a forma, mas que ao mesmo tempo não se configura como tal. É um ligar de cruzamento entre o formal, no sentido de formado, e o informal, no sentido de em

Figura 1 - Mesa de dama “montada” pelos seres lentos na Praça da Alfândega (POA). Fonte: da autora, 2021. Figura 2 - Carrinho de pipoca abrindo janelas em uma fachada cega, na Rua dos Andradas (POA). Fonte: da autora, 2021.

isso mesmo costumamos ignorar (não falar ou apresentar) nos projetos e práticas de planejamento urbano e cultural.

Obrigados a criar suas próprias táticas inventivas, buscando reterritorializar os espaços e produzir alteridade, os atores do tempo lento, atrasam o seu próprio locus no espaço-tempo, bem como o território daqueles que por eles passam, interferindo – mesmo que minimamente, no tempo veloz da cidade. Por não seguirem as leis abstratas dos tempos rápidos, mas utilizá-las, manipulando suas estruturas e alterando-as, imbricando-se nas brechas, são agentes da experiência¹⁰. Atores de uma estética local, territorializada e adaptada, que podem nos dizer sobre a arquitetura, a vida urbana e os acontecimentos nos centros de nossas cidades. São capazes de nos demonstrar a dimensão imprevisível e necessária da cidade.

São seres, mais ou menos fixos ou fluxos, lentos e rápidos, nômades e sedentários. São errantes e esperrantes territorializados ou em devir que modificam o espaço por preferência, emergência ou casualidade. São atores da hospitalidade e vivacidade urbana. São os ordinários. Sem eles, a cidade é só função e planejamento, é desencanto (SANTOS, 2021, p. 280).

Banalizadas pelos parâmetros acelerados e padronizados, muito embora sempre tenham impresso suas presenças, são agentes que guardam em si o respaldo do acolhimento, a capacidade de interferência e desconstrução. Uma desconstrução na busca das estruturas não vistas e algum princípio de formação que permita reinterpretações, outros modos de ver o real, numa remontagem das heterogêneas camadas que compõem as coisas (LEITE, 2016, p.20).

Nesse jogo de errantes e esperrantes, hóspedes e hospedeiros, como podemos apresentar a cidade, e entender as relações de acolhimento geradas por esses muitos corpos que esperam e deambulam lentamente pela cidade?

A collage como metáfora do encontro

A collage, como uma conjugação de movimento e propulsão de encontro, reúne os múltiplos fragmentos de agentes e os coloca em relação, conformando cenários mais ou menos abstratos de cidade. Que relações conjugam quais lugares? Como essas relações podem indicar saídas para o projeto de arquiteturas lentas e cidades mais acolhedoras?

No livro 'A collage como trajetória amorosa', Fuão pressupõe três etapas: O recorte, que passa antes pela seleção daquilo que se pretende utilizar; O encontro, momento em que testa-se outras aproximações, conexões e imaginações a partir de muitos fragmentos aparentemente distintos; e por fim, a collage, que é quando os elementos são fixados e já não podem ser modificados, a não ser por uma grande ruptura (2011). Dessas três etapas, pode-se fazer uma metáfora tanto sobre a cidade, quanto a partir de uma metodologia de projeto em arquitetura-urbanismo. Em ambos os casos, o que nos interessa é o movimento, o encontro.

formação entre o previsível e o imprevisível. Embaralha assim o que é formal, como o que é amparado pela legislação e o informal, como o não protegido por leis, estabelecendo-se sobre o que habita a fresta entre eles (ALLEMAND; ROCHA; PINHO, 2014).

¹⁰ Experiência como aquilo que nos acontece (LARROSA, 2002).

Chamo de "Encontro" a relação recíproca envolvente entre figuras, objetos e corpos, ou do próprio ser frente ao outro, ou mesmo de sua representação. O encontro na collage se estabelece no intervalo significante entre os limites posteriores ao recorte e anteriores à collage, quando as figuras são testadas em suas aproximações e significados, antes que a cola 'fixe' definitivamente sobre o suporte-papel. É o instante em que o movimento da produção se acelera, e as figuras já recortadas agitam-se e dançam totalmente livres e sem compromisso, umas sobre as outras. Umas em buscas das outras. Collage é hospitalidade, a casa que recebe as figuras (FUÃO, 2014b).

Na indefinição do processo de encontro, a provocação ganha um movimento que pode se desdobrar pela eternidade. É um encontro ingênuo e potente, que provoca o pensamento de quem o maneja. Como metáfora de cidade, a collage possibilita um poder de decisão que normalmente é outorgado a poucas pessoas. Em cada escolha e movimentação, aciona-se os sentidos do acolhimento, do medo, e de outros canais da subjetividade que operam constantemente em nossa experiência urbana.

A collage, como metáfora de encontro na cidade, e de desconstrução da arquitetura-urbanismo, pode despertar sentimentos e ilusões que revisam as certezas promulgadas sobre a diferença. A partir da imagem fragmentada, pode-se construir um novo mundo – e tantas novas arquiteturas.

A collage só pode existir em um mundo despedaçado, fragmentado pelos golpes de cortes que a máquina fotográfica faz na realidade. A verdade é que não pode haver collage em um mundo intacto, onde não existam pedaços para serem colados. Collage é um gesto sobre um mundo destrozado, de alguma forma. Quem faz collage não pode contentar-se com um mundo em ruína. Re-colar esses fragmentos é construir um mundo novo (FUÃO, 2011).

Como um gesto de atenção e pensamento, a collage é também cartografia, e prática de um tempo lento. Sobretudo o encontro, ela escorre pela lisura da folha, ou da tela, tramando possibilidades inevitáveis. Ela é uma possibilidade de acontecimentos, e por isso é tão versátil e potente enquanto ferramenta pedagógica e arte-terapêutica.

Além de utilizada para compreensão e reunião dos múltiplos fragmentos coletados nas cidades - as figurinhas, será movimentada, colada, encontrada por estudantes de arquitetura e urbanismo, e crianças de uma escola fundamental na cidade de Pelotas. Nesses momentos, os fragmentos serão utilizados como dispositivos mobilizadores, porque quando despedaçados têm a potência de invocar as subjetividades daqueles que o manejam.

Fazendo collage e gerando encontro

Buscando explicitar as relações do acolhimento na cidade, e compreendendo a educação como um ato político (FREIRE, 2005), o exercício da collage como metáfora tem por objetivos: refletir sobre os agentes e atores que modificam o espaço urbano da cidade; Instigar o discurso e pensamento sobre a cidade, seus espaços públicos visando apresentar possibilidades de compreensão e ação nesse locus; Investigar os movimentos da cidade e a apresentação de condições subjetivas como o acolhimento, a hostilidade e a hostipitalidade.

O exercício foi realizado em três ocasiões distintas:

- Curso de extensão aberto para à comunidade acadêmica e não acadêmica promovido pela Revista Píxo e pelo PROGRAU/UFPel no ano de 2021. A oficina ocorreu remotamente e digitalmente e aconteceu em dois encontros, totalizando 12h. Os cenários de base foram disponibilizados, tal como as figurinhas. Os participantes poderiam utilizar qualquer imagem que quisessem para compor a collage.
- Oficina em aula de arte de duas turmas de ensino fundamental (quinto ano)¹¹. As atividades foram desenvolvidas presencialmente no período de duas horas/aula por turma (1h40min). O suporte foi uma folha A3 em branco, os participantes receberam as figurinhas em cartela e os cenários poderiam (ou não) ser desenhados pelos participantes.
- Oficina em turma do primeiro semestre da FAUrb/UFPel. Turma de Teoria da Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade. O suporte foram folhas A3 e os cenários foram compostos a partir das '100 imagens da Arquitetura Pelotense'¹², que haviam sido visitadas e fotografadas pelos estudantes. A metáfora do encontro visou reunir as arquiteturas, os seres lentos e outros recursos necessários para comunicar a experiência de caminhar por essas 100 imagens (que não eram só imagens). O processo de collage aconteceu em três horas/aula (2h30min), e ao final, todos grupos compartilharam o processo.

De maneira geral, o exercício da collage se desenvolveu em quatro momentos que por vezes se sobrepujam:

Introdução ao tema conversa sobre o espaço público e agentes das cidades.

Nessa etapa, os conceitos revisados foram aproximados das vivências dos alunos a partir de uma metodologia dialógica (FREIRE, 2005). Esse processo de aprendizagem, é permeado pelo reconhecimento dos diversos saberes culturais que os educandos carregam consigo – e que também interferem nas relações possibilitadas no espaço escolar e universitário. É a partir desse conhecimento que discute-se as responsabilidades e direitos das pessoas na cidade. Em todos os casos, para além dos conceitos de seres lentos e às relações de acolhimento propostas por Fuão (2014) e Derrida (2003), foram discutidas as definições de espaços públicos, o papel dos diferentes gestores da cidade, a profissão 'arquiteta e urbanista' e também as possibilidade de modificação da experiência nesses espaços a partir das pessoas. Algumas pertinências sobre os centros foram apresentadas, bem como discussões sobre o patrimônio material e imaterial. Quando falamos de centro e espaço público, todos possuem vivências para contribuir, o que instiga a aprendizagem e o exercício.

O recorte dos agentes já selecionados.

É nesse momento que os educandos aproximam-se da das figurinhas¹³ impressas:

¹¹ O exercício da collage foi feito em sala de aula durante minha atividade de estágio obrigatório do curso de licenciatura em artes visuais.

¹² O projeto de extensão, comemorativo aos 50 anos da FAUrb/UFPel, tem por objetivo realizar caminhadas e discussões, a partir do ato de (re)fotografar as "100 Imagens da Arquitetura Pelotense" (MOURA, SCHLEE, 1998), para repensar as políticas públicas de preservação do patrimônio cultural, a arquitetura e a cidade. Mais informações em: <https://wp.ufpel.edu.br/100imagens/o-projeto/>.

¹³ Remete-se às figurinhas adesivas dos álbuns de figurinhas temáticos e também às cartelas de adesivos de personagens. As figurinhas normalmente seguem um motivo principal que as coloca em movimento pela própria história e/ou ideia que representam e recorrentemente estão vinculadas à ideia de personalidade. As figurinhas são utilizadas por crianças, jovens e adultos para personalizar a lancheira,

os seres lentos (figuras 3 e 4). Eles foram fotografados nas ruas de Montevideo, Porto Alegre e Pelotas e recortados de sua origem, que carregam ou não dispositivos de territorialização. São seres comuns na cidade que realizam diversas atividades urbanas, mas que usualmente são excluídos das representações idealizadas da cidade. Esses agentes, em todas as ocasiões, são disponibilizados em cartelas impressas de tamanho A5, A4 e A3 - o que possibilita uma liberdade maior de uso ou desconstrução da perspectiva.

Dadas as instruções iniciais, inicia-se o recorte. E começa-se a operar as possíveis relações, classificações e acolhimentos gerados, identificando o que está ali, o que precisa e pode ser criado. Ao identificar quem são os outros retratados nas figuras, identifica-se 'quem eu sou', exercitando um movimento de hospitalidade. É nesse momento que se seleciona quem são os seres lentos que participarão da collage - e que são bem vindos no espaço que estou criando - e quem ficará de fora.

O encontro.

No momento do encontro, os fragmentos encontram-se com seus pares e díspares e movimentam-se encontrando significado. "O objetivo - antes de tudo - é a provocação, provocar a ação, o movimento, a vida, a criação e a união. [...] O encontrar-se caracteriza o estado aberto e receptivo de todas as figuras" (FUÃO, 2011, p.51-52).

Nesse processo, quem modifica e reintegra as imagens evoca parte de si, suas vivências e trajetórias. A organização dos fragmentos em categorias familiares (crianças/adultos/idosos; mulheres/homens; pessoas/dispositivos; vendedores/transeuntes - ou em não familiares/ inesperadas- diz mais sobre essas pessoas, do que sobre os fragmentos (figura 5). É nesse movimento que começa a constituição de si e do outro - a cidade.

Nesse processo, o sentido de público e privado se instauram, por vezes se flexibilizando. Aquele que habita a cidade, habita e é habitado. A metáfora se faz livre e os paradigmas e preconceitos internalizados são anunciados, abrindo caminhos para problematização de diversas questões éticas e estéticas. Por isso, enquanto exercício que objetiva movimentar o pensamento, é interessante que os encontros que constituem o espaço apresentados sejam acompanhados de discussões, buscando compreender os motivos subjetivados que nos levam a acreditar que uma figura fragmentada é capaz de anunciar um mundo de medos e desejos. "A palavra desejo deve ser aqui entendida como compreenderam os surrealistas, como sendo a ânsia de um processo de realização, uma manifestação do reprimido, uma construção do imaginário, uma saída aos obstáculos que impedem a expressão" (FUÃO, 2011, p.58), o que desencadeia as possibilidades cartográficas deleuze-guattarianas (1995) de mapear as subjetividades coletivas e elucidar as diferenças que são postas em jogo na cidade. Nesse segundo sentido, a própria reunião em organização cria uma metáfora do encontro na cidade, que acontece da forma mais fundamental possível: a partir das pessoas e suas diferenças, reiterando a proposta derridiana de acolhimento e retomando a possibilidade de criação na cidade a partir do encontro de si e do outro. O corte e o encontro explicitam a não neutralidade da representação e são capazes de denunciar reproduções internalizadas.

o material escolar, o notebook, as janelas, a térmica de chimarrão.... Recentemente também foram adaptadas ao meio digital, onde se juntam aos emojis para expressar emoções, situações e mensagens. Na arquitetura, as figurinhas são conhecidas como calungas, e usualmente são utilizadas para evidenciar a escala humana nos projetos, ainda que assumam - mesmo que nem sempre anunciadamente - as políticas que perpassam a estética apresentada. Enquanto fragmentos do todo, cada figurinha representa em si um mundo. E é nesse sentido que estão sendo utilizadas aqui.



A cola.

Concretizando o trabalho da collage, a cola une os fragmentos e consagra uma etapa, um movimento. É quando a dúvida é acordada e dá lugar à permanência. É ela que prega o mapa final e coloca tudo em seu lugar, impedindo a continuidade infinita do movimento. A cola sintetiza e consagra simbolicamente o encontro, o fixando. Define o que participa da cena, e o que não importa, e pode ser jogado fora (os restos). É a etapa mais rápida, mais dolorida, e talvez menos importante. A cola consagra a imagem. Marca um momento. Depois que a cola, cola, para desfazer a colagem é preciso fragmentar novamente.

Compartilhamento do processo.

Falar sobre seu processo é anunciar um pensamento e percorrer um mapa. A fala ou a escrita dão densidade à collage e amparam um movimento que foi enfrentado com a cola. Esse compartilhamento permite que a collage em sua totalidade não perca sua força de anúncio, principalmente para aquele que a gera. Ao compartilhar com o grande grupo a compreensão das tomadas, os acontecimentos e pensamentos que passaram e os questionamentos gerenciados amplificam a metáfora como prática democrática, porque colocam no grande grupo os medos, anseios e desejos anunciados. A prática, corrobora com a pedagogia do oprimido freiriana porque permite a participação ativa dos participantes (figura 6). A contextualização das discussões estimula a construção coletiva do saber e altera a prática desse saber sobre a cidade para a própria cidade. Nota-se, que a metáfora opera de maneira ativa na construção da experiência urbana, ainda que feita dentro de um espaço privado - a escola ou universidade. No sentido apontado por Larrossa (2000), é através da linguagem que construímos significados e conhecimentos, o que é essencial para dar sentido à nossa experiência.

No fundamento do encontro e do acolhimento, a partir das relações de hospitalidades tecidas com seres lentos e seus dispositivos, seria possível pensar em espaços para abrigar de fato situações, que são escanteadas pela perspectiva que persegue



tradicionalmente o fazer e pensar da arquitetura e urbanismo¹⁴? Que espaços podemos criar quando abdicamos das regras óticas com um ponto de fuga?

A experiência com as crianças que não conheciam o desenho perspectivado revelou a possibilidade do movimento ao encontrar livremente as múltiplas figurinhas, sem preocupação com proporções, regras de composição ou outras relações de sintaxe visual que invadem o processo de produção da collage dos alunos da arquitetura. Alguns traços dos jogos de tabuleiro e games digitais também foram notados nas diversas collages. As referências de representação sempre fazem parte do modo como nos expressamos, ainda que não percebamos.

Percebeu-se que na medida em que as regras e instruções eram ampliadas, as collages perdiam o sentido subjetivo e inconsciente do acolhimento, dando lugar à mera representação. O que sugere, que apenas instruir os participantes a gerarem um espaço de encontro entre as figurinhas seja interessante para estabelecer uma relação onde o inconsciente seja bem vindo e rompa efetivamente com a colagem como representação, dando lugar à collage como processo e metáfora do encontro. Nesse sentido, abrir mão de cenários estabelecidos pela perspectiva e pela fotografia amplia a noção morfológica do espaço público, dando lugar a espaços de encontro que não sejam os tradicionalmente encontrados na malha urbana da cidade, como a praça, a rua, o largo, o parque.

Vale destacar, que o cenário mais provocativo foi o “inferno”, trabalho apresentado por um aluno do ensino fundamental com autismo (figura 7). Em seu processo, o aluno contou que para ele espaços com muitas pessoas são horríveis para estar: um inferno. Assim, o inferno surge como o lugar que dá lugar à experiência desse aluno na cidade, o que provoca o nosso pensar sobre a “prática democrática” do espaço. Pode existir um espaço para todos?

¹⁴ Para saber mais sobre a domesticação da visão, ler: FUÃO, Fernando. A máquina de fragmentos: a construção da arquitetura através dos primeiros instrumentos óticos. Disponível em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2012/10/a-maquina-de-fragmentos-construcao-da.html>

Figura 7 - Collage do aluno do quinto ano do ensino fundamental.
Fonte: acervo da autora, 2022.



O lugar do acolhimento, no processo, revelou os preconceitos e estereótipos mais recorrentes e identificados. As figurinhas mais repetidas foram os mobiliários e a mulher branca de vestido rosa. As pessoas com cachorros também foram bastante escolhidas, e logo depois as pessoas sentadas. Entretanto, não se pode identificar figuras que foram completamente esquecidas ou inutilizadas.

Percebe-se que o sentido da hospitalidade incondicional é quase plausível nas crianças. Elas são sensíveis às questões de igualdade e justiça. A presença das diferentes figuras não causou medo, comentários rudes ou qualquer tipo de preconceito que pudesse denunciar ideias higienistas. Eram apenas figuras de pessoas (figura 8). O mesmo não ocorreu com o exercício com os estudantes de arquitetura e urbanismo, que passavam perplexos e contrariados principalmente pelos catadores, moradores de rua, engraxates e garis. Não se percebeu revelações sobre a cor da pele ou o gênero na escolha das figurinhas.

De modo geral, as figurinhas foram pouco alteradas, recortadas, rasgadas e justapostas. Percebeu-se dificuldade de dilacerar o corpo e de sobrepô-lo, o que criaria anomalias. Quando aconteceu, foi prevaletente com as arquiteturas, o que gerou movimentos interessantes de alteração de sentido, e no caso da figura nove, com os guardas armados, que fardados representam mais uma instituição que a si mesmos. Repare: as pessoas não foram fragmentadas, mas as arquiteturas sim (figura 9).

Pode-se dizer também, ao acompanhar o processo, que assim como a lógica de acomodação da cidade, existe um movimento de quem chega primeiro. Primeiro, os seres com dispositivos, bancas, mobiliários, bicicletas são alocados. Muitas vezes, não havia nenhuma imagem de transeunte nas collages, e sob a brincadeira de: “não tem ninguém caminhando por aí?”, imediatamente os caminhos eram preenchidos. Esse pequeno processo reitera a ideia de que para haver acolhimento, é necessário espera, logo, os hospedeiros são primeiro alojados, e depois os esperrantes. Uma metáfora.

A ausência de árvores e vegetações nas figurinhas também gerou grande incômodo em vários participantes. Em geral, parece que não se pode conceber espaços públicos acolhedores sem arborização. Assim, quando o collagista decide colocar árvores,



Figura 8 - Collage de grupo de alunos do quinto ano do ensino fundamental. Fonte: acervo da autora, 2022.

normalmente elas vêm antes mesmo do que as pessoas, inaugurando o sentido primeiro de espera, e possibilitando também a errância (figuras 10-17).

Pistas e possibilidades

Embora as figurinhas sejam várias, elas ainda são muito muito limitadas. A verdadeira metáfora da cidade poderia começar na coleta dos diversos fragmentos na vivência urbana, como jogo caminhográfico. Assim, para além dos fragmentos, levaríamos a experiência urbana para sala de aula, assim como fizeram os estudantes de Teoria 1, quando caminharam pelas 100 imagens da arquitetura Pelotense. Nessa prática, o discurso e a collage ganham densidade e permitem a interlocução entre quem eu sou, o que eu penso, o que vivi e como criaria um espaço de acolhimento. Acredita-se que a collage é sempre uma descoberta do eu, por isso ela é terapêutica. Nesse sentido, começar pela experiência na cidade pode potencializar a metáfora proposta.

As questões da velocidade e lentidão também são recorrentes nos discursos e especulações compartilhadas. Ao conjugar o encontro entre as diferentes pessoas, a necessidade de desacelerar é sempre comunicada, principalmente entre os adultos. Ao posicionar os feirantes e vendedores para-formais, ativa-se a ideia da experiência acolhedora e plural na cidade, afinal, esses abrem portas, janelas e sorrisos em fachadas envidraçadas, muros e lugares vazios, lentificando a temporalidade em alteridade. Os seres lentos agenciam o tempo de espera, abrigando em sua intimidade o outro, com o olhar, a conversa ou até mesmo a mesa posta. Sua lentidão está intrinsecamente à espera, esperrante, que espera que outro ser - o errante e/ou collagista, o encontre, modificando sua existência. A lentidão, nessa metáfora, é realizada com a escolha de quais figurinhas são coladas antes ou depois.

Embora se valorize a criação de novos sentidos a partir do encontro de agentes diferentes, são poucas as composições que alteram significativamente o sentido isolado dos fragmentos. A alteração do sentido se dá muito mais intimamente e subjetivamente, do que é demonstrada na composição das figurinhas.



Alargando o sentido da collage como processo, é interessante que além das imagens, se criem fotografias, vídeos ou gifs do processo, que ajudem a narrar os encontros e pensamentos cartograficamente. Os processos podem se desenvolver também em outros suportes e dimensões, o que ampliaria o objetivo da proposta. O texto, individual ou coletivo, para além da apresentação falada, pode ajudar a registrarmos para compreendermos os sentidos e desejos anunciados em esferas subjetivas pela prática metafórica de cidade.

Assim, assimilando diversos movimentos possíveis, a partir de pessoas que ‘realmente existem’ e moldam a cidade, podemos metaforicamente viver cidade, treinar cidade e existir cidade, assinalando modos de vida mais corajosos e abertos à habitar os centros e periferias que recorrentemente são apontados como lugares de violência e perigo, transformando-os. O exercício, ao incitar a experiência urbana quase como um jogo, ressalta o papel de cada pessoa em caminhar, parar, vender, performar o espaço público da cidade gerando acolhimento. Por fim, celebra-se a potência do exercício como metáfora de encontro que proporciona uma gama de questionamentos que problematizam as estruturas intersubjetivas e preconceitos que reproduzimos na cidade, além de evocar as memórias de experiências na rua, em diversas cidades, o que anuncia a amorosidade presente na collage. Acredita-se que o desejo e os medos são sentimentos que precisam ser comunicados quando falamos de experiência, sobretudo nos espaços públicos da cidade. Só assim os mesmos podem ser investigados e transformados para que criemos cidades mais democráticas e acolhedoras.

A experiência na escola, estabelece a possibilidade e a importância de criarmos pontes com a educação básica, valorizando esse espaço como meio de diálogo entre a universidade e a infância, ou ainda, entre a infância e a cidade. Acredita-se que introduzir possibilidades, problemas e conflitos que invadem a vida comum e alteram nossa percepção no espaço urbano como pauta na escola pode avivar diferentes modos de construir a vida na cidade. Como propõe Larrosa: “A infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento” (2000, p.184). A infância é o que ainda é desconhecido, mas se quer saber. O que está em alteridade às medidas do nosso saber e poder.



Figuras 10-17 - Processo de collages do curso “collages do acolhimento” realizado na Faurb/UFPel. Fonte: acervo da autora, 2021.

Assim, a experiência na escola também estabelece rastros para a educação e formulação de cartografias e pistas para o planejamento que considerem o pensamento de públicos de diversas idades, interesses e vivências, articulando-se como uma metodologia para cartografia em sociedade. Compreende-se que a cidade e a cidadania devem ser parte da educação básica, assim como a ponte possibilitada pela educação básica pode auxiliar no pensamento e gestão dos espaços da cidade. As crianças e adolescentes têm uma imaginação vívida e muitas vezes têm ideias únicas e inovadoras. Permitir que elas expressem suas opiniões sobre a cidade pode levar a soluções criativas e fora da caixa para os desafios urbanos. Além disso, estimular o respeito pelo espaço público e desenvolver o senso de cidadania, permite o empoderamento e a valorização dessas vozes, estimulando a responsabilidade pelo cuidado e gestão do ambiente em que vivemos.

Por fim, destaca-se a collage como metáfora do encontro como possibilidade de exercício cartográfico com diversos grupos - para além das crianças e adolescentes. A possibilidade de planejar a cidade e seus espaços em metáfora dentro de espaços tradicionais de ensino como associações, escolas, universidades pode ampliar a vivência fechada desses lugares. A abertura desses espaços para a colaboração e troca de ideias com a comunidade rompe com a ideia de que o pensar a cidade é uma atividade distante e restrita a especialistas. Em vez disso, se torna uma prática inclusiva e colaborativa, em que os moradores se sentem parte ativa da construção da cidade em que vivem, oferecendo oportunidades valiosas para a educação e sensibilização da população sobre questões sociais, ambientais, mobilidade, inclusão etc. Ao ampliar os espaços de discussão e envolver pessoas de todas as idades, origens e experiências, a cidade se torna uma obra coletiva criada por e para as pessoas que a habitam se encontrem e se acolham em hospitalidade.

Referências

- ALLEMAND, D. S.; ROCHA, E.; PINHO, R. B. Descobrimos a cidade “para-formal”: controvérsias e mediações no espaço público. *VIRUS*, São Carlos, n. 10, 2014. [online] Disponível em: <<http://143.107.236.240/virus/virus10/?sec=4&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 17 Jul. 2023
- DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2003.
- DERRIDA, Jacques. *Adeus Levinas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FIGUEIREDO, Pedro. *Cidades Catalizadoras*. Porto Alegre: ARQTEXTOS, n. 6, PROPAR UFRGS, 130-140.
- FUÃO, Fernando F.. *A collage como trajetória amorosa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- FUÃO, Fernando Freitas. Esperrância: o lugar da espera e da errância. In: (Fernanda Bernardo, Org.) 2014b, Coimbra. *Colóquio Internacional de Pós-Graduação em Desconstrução. Heranças e Promessas da Desconstrução*. Coimbra: Fac. de Letras da Universidade de Coimbra, 2014.

FUÃO, Fernando Freitas. As formas do acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, Dirce; FUÃO, Fernando Freitas (org.). *Derrida e Arquitetura*. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância. In: *Pedagogia profana: dança, piruetas e mascaradas*. 4.ed. Traduzido por Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.183-199.

SANTOS, Milton. *Técnica Espaço Tempo*. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SANTOS, Taís Beltrame dos. *Seres Lentos e Vida Urbana: caminhografia pelas ruas de Montevideo, Porto Alegre e Pelotas*. 358p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas: 2021.